As relações entre experiência, narração e jornalismo no pensamento do Walter Benjamin[1]

Amanda Juliane VICENTINI[2]
Celina do Rocio Paz ALVETTI[3]
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O trabalho apresentado consiste em uma revisão bibliográfica que tem como base a obra de Walter Benjamin, filósofo frankfurtiano, e reflete a partir do seu pensamento as relações da narrativa, do jornalismo e as ações de experiência. Segundo o autor, estamos sofrendo com a pobreza de experiências devido à perda da tradição oral ocasionada pelo desenvolvimento da técnica. Nessa perspectiva, a imprensa é um dos principais exemplos da morte da tradição da narrativa. Assim, em nossa época, predomina a informação, objetiva instantânea e, por sua vez, superficial.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; narração; experiência.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

À luz do pensamento de Walter Benjamin, a presente pesquisa visa analisar os processos comunicativos, de modo especial a produção jornalística e a sua relação com a narrativa que para Benjamin, é um recurso comunicativo que alimenta as ações de experiências entre os indivíduos.

Walter Benjamin é um filósofo berlinense da Escola de Frankfurt e é considerado um dos maiores pensadores do século XX. Foi um crítico da sociedade da sua época e suas obras muito contribuem para os estudos da comunicação.

Benjamin atribui à evolução da técnica e à ascensão do capitalismo, o declínio da arte da narrativa, que tem entre suas características a troca de experiências. Um dos indícios desta evolução é a invenção da imprensa, que contribuiu para o surgimento de uma nova

[1] Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

[2] Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Comunicação – Social - Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, email: amandajvicentini@gmail.com.

[3] Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da PUC - PR, email: celina.alvetti@pucpr.br

forma de comunicação, a informação, que tem como características o imediatismo e a objetividade, atributos muitos diferentes da narração. Benjamim é bastante apocalíptico quando diz que se atualmente a arte da narrativa é rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Se a imprensa possibilitou a difusão da informação de forma rápida, objetiva e com grande poder emancipatório, ela também provocou o declínio da arte da narrativa oral. Por esse fator de imediatismo, a informação é objetivamente editada e colocada em blocos para serem diagramados no jornal, o que não permite novas e diferentes interpretações para o que está sendo comunicado.

A morte da narrativa e a pobreza de experiências

Benjamin considera a narrativa o processo comunicativo que possui em si a potencialidade de intercambiar experiências comunicáveis. Identifica nela, a qualidade de exercer de fato uma verdadeira e plena comunicação funcional. Entretanto, Benjamin observa com angústia o desfalecimento desse processo, detectando suas consequências.

No texto O narrador escrito em 1936, o autor diz que fará considerações a Nikolai Leskov[4]. Benjamin (1996) faz essa referência, pois como se percebe no texto, considera Leskov um grande narrador. Afinal, Nikolai Leskov conviveu com o povo, com todos os tipos de pessoas, classes e religiões. Teve a oportunidade de viajar pela Rússia, experiência essa, que deixou marcas significativas no seu modo de narrar.

Nessa concepção, Benjamim identifica dois tipos de narradores no texto O narrador. O autor coloca que o povo imagina que aquele que vem de longe, aquele que viaja, tem muito muitas histórias para contar. Todavia, também Benjamim (1994) identifica como narrador e contador de boas histórias o homem que nunca saiu do seu país, mas conhece suas tradições melhor do que ninguém. Ele faz uma analogia ao mestre sedentário e ao aprendiz que trabalham juntos num mesmo lugar. Segundo o autor: “O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de fixar sua pátria ou no estrangeiro”. (BENJAMIN, 1994, p. 199).

[4] Nikolai Leskov nasceu no povoado de Gorokhovo, em Oriol. Escrevia as lendas da velha Rússia que eram contadas pelos mais velhos. Começou a trabalhar como ajudante em fazendas e viajou por províncias da Rússia, conhecendo lugares e pessoas diferentes.

Benjamim (1994) deixa claro já no início dessa obra, "é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências" (p.198). O autor identifica que as causas desse problema se dão porque "as ações de experiência estão em baixa" (p.198). Ele relaciona esse declínio com os jornais, que segundo Benjamin, estão com o nível cada vez mais baixo. Benjamin acredita que essas transformações acontecem "não somente na imagem do mundo exterior, mas também a do mundo ético, transformações que antes não julgaríamos possíveis" (BENJAMIN, 1994 p. 198).

Nesse sentido, o autor observa como se deu o processo dos soldados que voltavam da guerra nas trincheiras. "No final da guerra observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres de experiências comunicáveis" (BENJAMIN, 1994, p.198). Essa observação se dá por conta da submissão humana diante da guerra, da crise econômica e dos governos totalitários. "Nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes". (BENJAMIN, 1994 p. 115).

Para Walter Benjamin, "a arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção" (1994, p. 201). O autor designa esse processo à modernidade e ao desenvolvimento das forças produtivas.

É nessa perspectiva que o texto Experiência e Pobreza, escrito em 1933, traz uma situação bastante apocalíptica do modo como Benjamin percebe a época. O autor analisa a conjuntura e a caracteriza como um cenário miserável, na qual, o desenvolvimento da técnica está sobrepondo-se ao homem. Para Benjamin, sofre-se com uma pobreza de experiências, que se generaliza por toda a humanidade. O autor caracteriza essa carência como uma nova barbárie. Uma barbárie que subtrai o indivíduo e as suas experiências.

> Barbárie? Sim. (...). Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, sem olhar nem para a direita, nem para a esquerda. (BENJAMIN, 1994, p. 115).

Na filosofia da história de Benjamin, o autor caracteriza duas formas de experiências que se opõem. Os conceitos de Erfahrung e Erlebnis sugerem observar com olhar crítico a contraposição entre a experiência na estrutura de Erfahrung e a vivência com Erlebnis.

Erfahrung preconiza uma forma de conhecimento cumulativo, que se desdobra, e dela é possível retirar conhecimento através da memória. Em relação à narrativa Jeane Marie Gagnebin (1982) diz:

> Essa experiência está ligada a uma tradição viva e coletiva, características das comunidades em que os indivíduos não estão separados pela divisão do trabalho, mas onde sua organização coletiva reforça a vinculação consciente a um passado comum, permanentemente vivo nos relatos dos narradores. (GAGNEBIN, 1982, p. 58).

Já a Erlebnis, é caracterizada por um fator de isolamento e vivência pessoal apegado ao cotidiano. Na Erlebnis, o indivíduo sobrevive em um campo desenfreado de assimilações e coisificações de eventos imediatos, entretanto nada que lhe verifique experiência; não havendo espaço para a memória.

> A obtenção de uma memória comum, que se transmite através de histórias contadas de geração a geração, é hoje destruída pela rapidez e violência das transformações da sociedade capitalista. Agora, o refúgio da memória é a interioridade do indivíduo, reduzido à sua história privada, tal como ela é reconstruída no romance (GAGNEBIN, 1984, p. 59).

O homem moderno aspira ao imediatismo. Benjamin faz referência a Paul Valéry que fala das coisas perfeitas da natureza, como as pérolas e os vinhos, que precisam de tempo para se tornarem completos e perfeitos. Entretanto, "o homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado" (BENJAMIN, 1994 p. 206), esse efeito é claramente entendido na narrativa:

> Assistimos em nossos dias ao nascimento da short story, que se emancipou da tradição oral e não mais permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas. (BENJAMIN, 1994, p. 206).

Para o autor, o surgimento do romance vai culminar na morte da narrativa. Afinal, a difusão do romance só foi possível a partir da invenção da imprensa. É importante analisar aqui, como Benjamin distingue o romance com as outras formas de prosa, em especial a narrativa. "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O

romancista segrega-se". (BENJAMIN, 1994, p. 201). Percebe-se aqui, que com a narrativa é possível se desenvolver um processo contínuo de troca de experiências entre o narrador e seus ouvintes, processo esse que não é possível no romance. "A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los" (BENJAMIN, 2006, p. 201).

Em Experiência e Pobreza, Walter Benjamin identifica a potencialidade aconselhadora e emancipatória da narrativa. O autor conta a parábola do pai que ao morrer, designa para os filhos, ao invés de um tesouro no sentido material, deixa como legado sua experiência. O provérbio citado é: "A felicidade não está no ouro, mas no trabalho". Esta citação introduz ao que Benjamin entende por uma comunicação que traz consigo também experiência e conhecimento.

Na narrativa encontra-se na maioria das vezes senso prático, e percebe-se na sua constituição características de aconselhamento, e ainda uma dimensão utilitária. Benjamin encontra

> [...] esse atributo num Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gaz, e num Hebel que transmite a seus leitores pequenas informações científicas em seu Schatzkastlein (Caixa de tesouros). (BENJAMIN, 1994, p. 200).

A narrativa era uma forma artesanal de comunicação, e não tinha como escopo de modo algum comunicar com objetividade. A narrativa evita dar explicações, e abre margem para que o ouvinte seja livre para interpretar a história como quiser. Entretanto, se isso se tornou raro com o romance, outra forma de comunicação se tornou ainda mais estranha à narrativa. Essa nova forma de comunicação é a informação.

Ao contrário da narrativa, a informação "precisa ser compreensível em si e para si" (BENJAMIN, 1994, p. 203), é indispensável que ela seja plausível. A informação "aspira a uma verificação imediata" (BENJAMIN, 1996, p. 203). Ela é objetivamente editada e colocada em blocos para serem diagramados no jornal, o que não permite novas e diferentes interpretações para o que está sendo comunicado. "A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações" (BENJAMIN, 1994, p.203). Nesse sentido segundo Benjamin, é impossível para a informação (Erlebnis), que ela se desdobre e se renove como a narrativa, como acontece em Erfahrung.

Nilson Lage também crítica aspectos de objetividade do jornalismo e coloca: "Um jornalismo que fosse a um só tempo objetivo, imparcial e verdadeiro excluiria toda outra forma de conhecimento, criando o objeto mitológico da sabedoria absoluta". Para Lage (1985), os manuais de redação fazem o possível para que a subjetividade do repórter não seja aparente na notícia. Para o autor, esse processo se dá, pois dessa forma o jornalismo somente irá reiterar a ideologia capitalista vigente.

> O conceito de objetividade posto em voga consiste basicamente em descrever os fatos tal como aparecem; é, na realidade, um abandono consciente das interpretações, ou do diálogo com a realidade, para extrair desta apenas o que se evidencia. A competência profissional passa a medir-se pelo primor da observação exata e minuciosa dos acontecimentos do dia-a-dia. No entanto, ao privilegiar as aparências e reordená-las num texto, incluindo algumas e suprimindo outras, colocando estas primeiro, aquela depois, o jornalista deixa inevitavelmente interferir fatores subjetivos. A interferência da subjetividade, nas escolhas e na ordenação, será tanto maior quanto mais objetivo, ou preso às aparências, o texto pretenda ser. (LAGE, 1985 apud GENRO FILHO, 1987)

Marcondes (2000) tem um olhar bastante crítico ao que se refere a conjuntura informativa\ jornalística na sociedade contemporânea. Para o autor:

> O jornalismo reflete muito bem a aventura da modernidade. Ele é a melhor síntese do espírito moderno. Por esse mesmo motivo, o processo de desintegração da atividade, seu enfraquecimento, sua substituição por processos menos engajados (que já não buscam a "verdade", que já não questionam a política ou os políticos, que já não apostam numa evolução para uma "sociedade mais humana") é um sintoma de uma mudança dos nossos tempos e dos espíritos. Mudamos para uma época semelhante àquilo que Nietzsche atribuía a toda a modernidade: o de ser uma épica fraca, decadente, niilista. (MARCONDES FILHO, 2000, p.15, grifo do autor)

Marcondes (2000) especifica duas formas possíveis de se transmitir conhecimento, a primeira se dá a partir de dicionários e enciclopédias, onde a ordenação se dá por palavras-chave. O segundo são processos que se estruturam com começo, fim, entradas e saídas. Para o autor, a forma de produzir jornalismo acontece como na primeira forma.

> Primeiramente, porque é mais fácil agregar informações ilhadas, na suposição de que levem a uma "visão de arquipélago". [...] os diversos fragmentos apenas aglutinam-se e, pela não conexão com os pensamentos anteriores e posteriores, exaurem a leitura pela redundância. São repetições do mesmo sob diversos ângulos. No final, reatam na memória do leitor apenas sinais, traços da informação que cada segmento porventura deixou. Ele não será capaz de recordar a matéria que acabou de ler e nem terá o conhecimento para aplicar essa informação adquirida em outros casos semelhantes. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 46, grifo do autor).

O autor também observa como os manuais de redação, muitas vezes restringem o vocabulário do jornal. Para o autor esta ideia está ligada a fatores de inteligibilidade e simplicidade da linguagem. O efeito é a hegemonia da linguagem jornalística. "O linguajar jornalístico enterra a experiência viva, individual, no clichê" (KRAUS apud MARCONDES FILHO, 2000, p. 44). O jornalismo antes considerado um meio de propagação de conhecimento, acaba caindo no mimetismo de informações, muitas vezes desconexas.

> É uma opção que se coloca em oposição à narrativa didática, ou seja, aquela que não apenas traz uma notícia, mas aumenta a bagagem de informação (a longo prazo de formação). (MARCONDES FILHO, 2000, p. 45).

Outro fator de suma importância para caracterizar a informação dentro do conceito de Erlebnis, é o bombardeio desenfreado de informações. Segundo Benjamin: "Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes" (BENJAMIN, 1994, 203).

Marcondes (2000) reflete sobre o perigo que o excesso de informação pode causar. Para ele a demasia informativa narcotiza o receptor, e este se torna apático em relação à notícia.

Walter Benjamin, não acredita que os homens sejam capazes de aspirar a novas experiências. Para ele, os homens querem viver em um mundo que possam ostentar tão simplesmente sua pobreza externa e interna, sem se dar conta dessa pobreza. Para o autor, "nem sempre eles são ignorantes e inexperientes. Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles 'devoraram' tudo a 'cultura' e os 'homens', e ficaram tão cansados". (BENJAMIN, 1994, p. 118).

Não se pode entusiasmar com a ilusão da riqueza de informações, estas não carregam em si Erfahrung. Muitos "se consideram sábios porque armazenam dados, não

passam de espíritos superficiais" (KONDER, 1999, p.83). Essa profusão de informações é Erlebnis, contentam-se com a leviandade sem se preocupar em extrair dela experiências.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. In. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996. cap. 13, p. 137-164.

_____ **Experiência e Pobreza**. In. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996. cap. 10, p. 114-119.

_____ **O narrador** — considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996. cap.14, p. 197-221.

GAGNEBIN, Jeane Marie. **Cacos da história**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GENRO Filho, Adelmo. **O segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Disponível em: http://www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm. Acesso em: 05 maio. 2013.

GRANDO, Carolina Pompeu. **Em busca da narrativa jornalística**. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/em_busca_da_narrativa_jornalistica.

KONDER, Leandro. **O marxismo da Melancolia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEAL, Bruno Souza. **Do testemunho à leitura**: aspectos da evolução do narrador jornalístico, hoje. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=leal-bruno-narrador-jornalismo.html. Acesso em 03 Maio. 2013.

MARCONDES Filho, Ciro. **Comunicação e Jornalismo**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARtINO, Luis Mauro Sá. **Teorias da Comunicação**: Ideias, Conceitos e Métodos, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda** : Jornalismo na sociedade Industrial. São Paulo: Summus, 1998.

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e a enunciação:** perspectivas para um narrador jornalista. Disponível em: http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/fernandoresende2005.doc. Acesso em 25 mar. 2013.

RESENDE, Fernando. **O jornalismo e suas narrativas:** as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewArticle/2629. Acesso em 25 mar. 2013.

Silva, Márcio Seligmann. **A Atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.